

# DIARIO DO PIAUHY

Orgão Official dos Poderes do Estado

ANNO IV

Assignaturas  
Anno. . . . . 12\$000  
Semestre. . . . . 7\$000

THEREZINA, terça-feira, 24 de novembro de 1914.

Redação e officinas Praça Rio Branco n. 37.

VENDA AVULSA  
Numero do dia . . . . . 100  
Numero atrasado . . . . . 200  
N 267

## Telegrammas

Serviço especial do DIA DO PAUHY

### INTERIOR

**RIO, 21.**  
O sr. general Pinheiro Machado seguiu para sua fazenda Boa-Vista.

**RIO, 21.**  
O sr. senador Urbano Santos da Costa Araujo, vice-presidente da Republica, tem presidido o senado.

**RIO, 21.**  
Têm surgido muitos commentarios nos jornaes a respeito da escolha do novo presidente e leader da camera.

O «Jornal do Comercio» e a sua primeira «varia» diz saber que o presidente da Republica não interveio e nem poderia intervir na escolha do presidente e leader da camera. Em a sua edição da tarde, hoje, o «Jornal do Comercio» commenta concluindo louvando o sr. presidente da Republica não fazer politica mas administração.

**RIO, 21.**  
Na Bahia, durante a sessão do conselho municipal, travou-se conflito entre os assistentes das galerias, durando dez minutos. Houve tiros, pancadas, resultando a morte do alferes de policia José Raimundo de Carvalho e do guarda civil Clemente Ferreira da Silva e alguns ferimentos.

**RIO, 21.**  
No Recife, com grande assistencia realizou-se a 2.ª reunião do congresso catholico. D Luiz de Brito fez uma conferencia sobre a organização catholica da diocese.

### DO ESTADO

**BARRAS, 22.**

Falleceu hontem a sr. d. Umbelina Mello, virtuosa consorte do coronel Octavio Mello. A casa de este illustre correligionario esteve cheia de todas classes sociais, admiradores peregrinas qualidades exornavam a querida morta. O enterro foi muito concorrido demonstrando a immensa saudade deixada no seio social barrensense.

Foi dispensado, por acto do hontem, do lugar de lente de francez da escola normal o sr. dr. Alberto Cleoro Correia Lima.

## A PATRIA DE BLUNTSCHLI

### A evolução de um espirito

Recebi, sem assignatura e sem data, a delicada carta que aqui transcrevo textualmente:

«Tenho seguido com o interesse que sabe despertar para os assumptos de que trata a sua brilhante penna e festejada capacidade os artigos inspirados no Direito Internacional, cujos bellos principios são postergados nesta guerra de cruel retrocesso da civilização.

Nota, porém, o seu equívoco suppondo a Bluntschli uma individualidade de espirito allemão, pelo facto de haver escripto na lingua dos teutos, e ser, de facto, o mais sabio dos discipulos de Savigny.

Entretanto, para honra mesmo do seu apostolado e de sua alta missão em bem da humanidade, felizmente o magistral Bluntschli era... suíço. O equívoco parece digno de ser corrigido.

Um admirador constante e sincero».

Ahi fica, lealmente, publicada a gentil e delicada advertencia do modesto cavalheiro que não me quiz dar a honra de se deixar conhecer, com os agradecimentos que formulo pelas atenções immerecidas com que me distinguio.

Agora, as minhas razões: Não houve equívoco da minha parte: muito propositalmente colloquei o nome de Bluntschli entre os de notáveis fillos da Allemanha.

Bem sei que o grande sabio era suíço, nascido em Zurich a 7 de março de 1808, e que morreu a 24 de outubro de 1881, em Carlsruhe ou em Heidelberg de cuja Universidade era professor, tendo sido jubilado em 3 de agosto de 1879.

Com 73 annos de idade falleceu elle e dessa longa existencia 38 annos passou na Allemanha: em Berlim, em Munich e em Heidelberg.

Nascido em um dos cantões de raça germanica; tendo vivido 38 annos na Allemanha; tendo professado 14 annos na Universidade de Munich, onde reger as cadeiras de direito privado allemão e de direito publico geral, passando depois a Heidelberg, onde succedendo a Robert de Mohl occupou brilhantemente a cadeira de sciencias politicas, por espaço de 20 annos; tendo escripto todas as suas obras em lingua allemã; tendo recebido a influencia superior do grande mestre que foi Savigny, o espirito de Bluntschli, embora nascido na Suissa, obedeceu á orientação scientifica germanica, sobretudo á ascendencia incontestavel de Frederico Rohmer e de Theodoro Rohmer, como observa o seu illustre biographo A Rivier, no estudo publicado na «Revista de Direito Internacional e de Legislação Comparada», tomo XIII.

Além disso, ha ainda a notar que Bluntschli reconheceu dever o seu desenvolvimento politico á influencia de Fernando Meyer e o seu desenvolvimento juridico a Frederico Keller, e, nessa epocha, obedeceu a poderosa atracção do direito civil

de Roma, que, depois, abandonou pelo direito allemão, mais conforme, talvez, ás tendencias do seu espirito, como observa o referido biographo.

Bluntschli conviveu na intimidade do grande Savigny, de Hasse e de Wiebubr, todos allemães, e, nesse meio, o seu espirito moço recebeu facilmente as impressões moraes e scientificas que contribuíram para a formação do seu notavel espirito.

A seu turno, Bluntschli, quer como professor na Universidade de Munich, quer como lente em Heidelberg, quer como membro proeminente de varias sociedades scientificas, mas principalmente como «pars magna» e presidente do «Juristentag», quer tambem como director da «Revista Critica», que ainda depois da sua morte continuou a publicar-se, exerceu uma larga e profunda influencia sobre os espiritos da mocidade allemã do seu tempo.

Todas essas considerações me levaram a incluir o nome de Bluntschli entre os homens da Allemanha que maior preponderancia tiveram na formação do espirito da sua epocha.

E nesse modo de entender segui exemplos diversos e numerosos de casos semelhantes que me autorizavam a proceder por tal forma.

Gonçalves Crespo nasceu no Brasil, mas o seu espirito se formou em Portugal, sob a influencia dos mestres e da sociedade em cujo seio viveu, e ninguém o considera hoje um poeta brasileiro, mas portuguez.

O mesmo succedeu com Magalhães Lima, com Bernardino Machado.

O barão do Amazonas, Francisco Manoel Barroso, nasceu em Portugal e ninguém o conhece como portuguez: o seu nome incorporou-se á historia do Brasil como o de grande e glorioso almirante brasileiro.

Com Bluntschli, entretanto, o meu atrevimento muito melhor se justifica no caso vertente, pois que, no artigo que mereceu o reparo do meu illustre e ignorado amigo, eu apenas me referi aos grandes espiritos cultos, aos homens de talento genial da Allemanha, aquelles que só pelo aspecto intellectual litterario, artistico e scientifico se distinguem na brilhante historia dos povos do Baltico.

E os nomes que citei foram os de Goethe, Beethoven, Kant, Klopstock, Molsen, Ranke, Wierchow, Hering, Von Listz, Savigny, Hecker e Humboldt: nessa pleiade de genios, o nome do immortal codificador do Direito Internacional cabe perfeitamente, embora houvesse nascido na Suissa; as suas obras mais notaveis foram escriptas depois que, em 1847, sahio de sua patria natal, para fixar residencia na Allemanha, aonde o chamavam as suas origens ethnicas e as tendencias, do seu extraordinario espirito.

Demais a mais, Bluntschli, como Keller, seu velho amigo, embora tambem velho rival, fora excluído da vida publica na sua patria, oito annos depois da revolução de setembro, e em seguida á derrota do Sunderbund.

E' exacto que esses acontecimentos politicos, se bem que o tivesssem amargurado bastante, não lhe geraram no coração, nem o despeito, nem aversão ao seu paiz natal, como o demonstra o trabalho constante e dedicado, o amor com que se lançou ao estudo para codificação do direito privado de Zurich, mas conservando-se longe da sua terra, afastado das suas lutas politicas, o espirito de Bluntschli como que se germanizou, sob a influencia dos meios em que viveu em Munich e Heidelberg, embora alargando os vãos do seu pensamento no sentido de um liberalismo nobremente compreendido.

E a datar de 1851, anno em que appareceu o primeiro trabalho de Bluntschli, depois de estabelecido em Munich, sobre o projecto referente ao «Direito das coisas», tudo quanto constitue sua bagagem scientifica, philosophica, juridica e historica, verdadeiras obras primas, foi estudado, inspirado, trabalhado e definitivamente dado a publico, em plena atmospheria allemã, sob a protecção das instituições universitarias germanicas.

Foi mesmo, em Heidelberg que a evolução scientifica do seu espirito mais brilhantemente se accentuou, estendendo-se o seu horizonte e elevando-se, subindo sempre, o seu ponto de vista.

E, como observam todos os seus psychologos, á medida que sua idade augmentava no convívio das gerações academicas—universitarias de Heidelberg, em vez de se restringir o seu espirito, como succede com outros, «a sua nobre intelligencia se desenvolveu incessantemente em amplitude e em celsitude», até attingir as alturas do Direito Internacional Publico, em uma synthese tão poderosa e tão concentrada, que a sua codificação influíu de modo indiscutível para o progresso immenso desse ramo do direito.

Ora, como foi intuito de Bluntschli, e assim o declara elle na carta que dirigiu a Lieber, «contribuir para esclarecer a consciencia do mundo civilizado», e como para esse empreendimento escolheu elle a Universidade de Heidelberg, na estudiosa Allemanha, tal qual fizeram todos aquelles nomes por mim citados, tratando-se de um caso de direito internacional, cujos principios cardeaes elle assentou firmemente na Allemanha, nas Universidades, no espirito da mocidade, no mundo inteiro, eu entendi que não devia nem podia separar o seu espirito da acção conjunta, litteraria, artistica, scientifica e juridica, exercida por aquella pleiade notabilissima de sabios, professores, artistas e publicistas que tanto exalçaram a cultura allemã, infelizmente lamentavelmente estacalhada agora pelos impetos barbaros da casta que ali se formou á sombra do imperialismo, sob a caprichosa direcção do Kaiser, impellido e sujeito ás influencias morbidas de uma «volte» interna e chronica de tal gravidade, que já produz as vertigens de Menière e cuja propagação ao encephalo, deverá mais tarde ou mais cedo, arrastar-o aos maiores

absurdos se essa guerra europea por ella ateiada já não é a consequencia irremediavel da invasão do mal nos centros nervosos.

Entretanto, muito embora a evolução do espirito de Bluntschli se houvesse feito, chegando ao apogeu, na terra allemã, a Suissa não foi repudiada pelo seu grande fillo e o velho cantão de Zurich poderá orgulhar-se de haver sido o berço de um dos mais celebres e notaveis talentos do seculo XIX.

Pinto da Rocha.

## Treze declarações de guerra

Um jornal de Paris publica a lista das declarações de guerra que foram dirigidas durante o ultimo mez.

Foi precisamente em 28 de julho que a serie começou pela declaração de guerra da Austria á Servia.

A essa citada, pela qual o imperador Francisco José preludei a celebração dos seus 85 annos de idade, succederam-se as seguintes declarações de guerra:

Da Allemanha á Russia, em 1 de agosto.  
Da Allemanha á França, em 3 de agosto.  
Da Allemanha á Belgica, em 4 de agosto.  
Da Inglaterra á Allemanha, em 4 de agosto.

Da Austria-Hungria á Russia, em 5 de agosto.  
Do Montenegro á Austria, em 5 de agosto.

Da Servia á Allemanha, em 6 de agosto.  
Do Montenegro á Allemanha, em 11 de agosto.

Da França á Austria-Hungria, em 11 de agosto.  
Da Inglaterra á Austria, em 3 de agosto.

Do Japão á Allemanha, em 23 de agosto.  
Da Austria á Belgica, em 29 de agosto.

Ao todo 13 declarações de guerra!

Mas ao que parece, não ficaram nesse numero aziago, pois fala-se com insistencia em mais duas: a da Turquia á Grecia e a da Italia á Austria.

**Dr. Miguel Rosa.**—No «Imparcial» lemos a seguinte noticia sobre o exm. sr. dr. Miguel Rosa, governador do estado:

«Pelo «Bahia», hontem entrando do norte, chego, tambem, o illustre sr. dr. Miguel Rosa, governador do Piahy. Moço antigo, cioso de um bom nome politico; e capaz de conquistar o governador viuhyense á individualidade em franca evidencia na politica norista. A campanha que moveu, e move ainda, contra as oligarchias municipais que pejavam o desenvolvimento das cellulas constituintes do estado, e a independencia dessa campanha, em que não abriu excepção para amigos pessoais ou politicos, por mais prezados que lhe fossem—bastariam ellas, para cercar o seu nome de sympathias.

O sr. dr. Miguel Rosa, que está hospedado no «Metropolis Hotel» nas Laranjeiras, teve um desombroza concorridissimo em que esteve presente toda a banca piahyense.»

# A CULPA SANGRENTE DA INGLATERRA NA GUERRA MUNDIAL

POR ERNESTO HAECKEL

Horrorizada e atordoada está a humanidade civilizada, ha oito dias, deante de uma das maiores catastrophes da historia universal inteira, deante do rompimento repentino de uma guerra mundial, cujas consequências terriveis são de todo incalculaveis. Tudo o que a humanidade soffredora tem atuado até agora em desgraças bellicas, todos os horrores de matanças em massa, de devastações de paizes, de aniquilamento de familias, tudo se apaga deante dessa incendio universal que ameaça trazer a civilização inteira, obtida em labores pen. sos durante seis mil annos. Este facto horrendo resulta para todos os homens civilizados e de raciocinio claro quando, despreocupados, com templarem o conjunto da actual situação mundial, e especialmente os progressos extraordinarios feitos pela ciencia e technica modernas durante este ultimo meio seculo, notadamente nos últimos annos proximos passados.

Já não pode haver duvida de que o decurso e o caracter dessa tão temida «Guerra Europeá» cedera a todas as guerras conhecidas até agora, pelo facto de haver de interessar tambem, directa ou indirectamente, a todos os demais continentes, alargando-se assim ás proporções de uma primeira e verdadeira «Guerra Mundial». Basta lembrarmos-nos do aperfeccionamento das armas de todas as especies, dos canhões de tiro rapido, das aeronaves, da victoria sobre o tempo e sobre o espaço pela electricidade e pelas machinas, e de outros meios auxiliares antes nem suspeitados, que os immensos progressos da sciencia, antes de tudo da physica e da chimica, entregaram aos povos belligerantes. Os sacrificios de bens e de sangue cederão de muito a tudo que tem havido até hoje. Eis que surge logo deite o inicio, e em toda parte, a pergunta bem legitima de saber quaes as verdadeiras causas dessa incendio mundial exorbitante, qual o povo ou homem dirigente que, perante o tribunal da historia universal, terá de acartar com a culpa sangrenta, sem exemplo, dessa luta internacional de exterminio.

Os parlamentos e a imprensa da «Triple Entente» inimiga, francezes, inglezes, russos, esforçam-se actualmente, em vão, em imputar a culpa toda á Alemanha. A inexactidão de semelhante incriminação de tal modo manifesta para todos aquelles que conhecem os factos, que não ha necessidade de refutal-a. Nos 26 annos do seu governo, o imperador Guilherme II tem feito tudo para conservar ao povo allemão as vantagens da paz, com razão festejaram no occaso do 25.º anniversario do governo d'elle, no anno proximo passado.

Muitos encuraram no ate pelo seu excessivo de concendencia conciliadora para com a França sedenta de revanche, a Inglaterra arrogante e a Russia panslavista. Mas, como elle, os outros dois membros da «Triple Alliance», a Austria Hungria e a Italia, sempre se o e forçado em conservar o precioso bem da paz, evitando complicações europeas. A culpa toda do rompimento da guerra mundial cabe, pelo contrario inteiro, a poderosa «Triple Entente», a potente cordialmente preparada ha longos annos, áquelle triflio desnatural de salteadores no qual se conjuraram a Russia, a França e a Inglaterra, com o fim de destruir a triple alliance da Europa central e de aniquillar antes de tudo a situação de Grande Potencia da Alemanha.

Na excellent'e fala do throno com que abriu o parlamento allemão no memoravel dia 4 de agosto, o imperador Guilherme II indicou em poucas, mas precisas palavras os motivos verdadeiros que impellem os inimigos do nosso Imperio Allemão a atacar-nos traçoiramente: a «inveja» pela prosperidade de nossa patria querida, O «clume» do seu poder crescente e o «despeito» pela nossa concorrencia bem succedida em trabalho pacifico.

Considerando os sacrificios, sem exemplo, de bens e de sangue, as horrendas perdas de preciosos thesouros da civilização que essa guerra mundial impôrã a toda a humanidade civilizada, levanta-se nestes dias prenhos de desgraças contra o seu autor, e com razão a accusação de ser «o maior criminoso da historia universal» impôrã, pois, estabelecer logo, desde o principio, e com clareza, a quem dos tres membros poderosos daquelle maldito bando de salteadores cabe a maior parte da culpa sangrenta. Serã a nação franceza ou a russa ou a inglesa a mais culpada, aquelle que devemos mais temer?

A «Russia» attribue-se agora, quinze dias depois do rompimento da guerra, geralmente a maior parte da culpa sangrenta, por ter ella iniciado, nos primeiros dias de agosto, o ataque á triple alliance da Europa central e ter mandado, de facto, a primeira declaração de guerra. Porém, o fraco Czar Nicoláo II, que quem tornar responsavel em primeiro lugar, como autocrata absoluto, não passa de um instrumento sem vontade nas mãos dos granduques e officiaes sedentos de guerra e unidos ao mundo do funcionalismo publico que zozam da peor fama nos circuitos governanteas de toda a Europa por causa da sua corruptibilidade e ganancia. O povo russo ainda hoje está tão insulto, na sua grande maioria, que não pôde ter juizo algum formado sobre a guerra que o seu governo lhe impoz. Nem o povo da Alemanha (a quem deve a parte mais preciosa da sua cultura) tem tanta força quanto o panslavismo, que pretenda curvar a Europa oriental toda sob o jugo do kaut russo. A proclamação do bando de assasinos sem servios que deu o primeiro impulso directo da guerra europeá, pelo assassinato do herdeiro do throno austriaco e da esposa d'elle, tambem não pára a Russia senão a consequência natural dos seus principios do panslavismo egoista.

A França continua ainda na verda de «choia na maior parte do seu desejo de revanche» e acha-se intimamente ligado como erador aos interesses da Russia que lhe deve sommas imensas. Porém a maior parte do povo francez não tem nenhum enthusiasmo pela guerra, preferindo de muito boa vontade de evitar o rompimento da guerra mundial, no momento actual, pelo facto de ainda não se achar sufficientemente preparado para ella. Na França, como na Russia, no fundo só ha um «partido pequeno, mas poderoso», que a exorta agora para a guerra contra a Alemanha, achando-se á sua frente os generaes e «officiaes ambiciosos e aquelles chovinistas acanhados que só reconhecem a Grande Nilton como autoriza a domiar o mundo olhando com soberano desprezo para a inferioridade até da Inglaterra aliada (tão fundamentalmente della divergente no seu caracter nacional)».

«A Inglaterra» cabe agora, directamente, a maior parte da culpa e responsabilidade pelo rompimento da guerra mundial. No proprio dia 4 de agosto, em que o parlamento allemão con-

cedeu, unanimemente, ao chancelier do Imperio os meios necessarios para a defesa do Imperio, a Inglaterra declarou, poucas horas depois, a guerra á Alemanha, sob o pretexto apparente da violação da neutralidade de Belgica, o as de facto porque parecia chegado o momento almejado de executar o assalto ha muito planejado contra o Imperio Allemão.

A «perfidia Albion», cuja politica ardida representa, no mais alto gráo, o Nacionalismo descomedido, a brutalidade do «Egoismo Nacional», provou assim mais uma vez a sua «moral pratica» — só e unicamente com o fim de fortalecer o seu poderio mundial britannico, e não a mais ligeira tinte de altruismo christão, que theoreticamente está inscripto na sua bandeira, sem a menor consideração pelo bem estar ou pelo soffrimento do resto da humanidade, especialmente da nação germanica, sua irmã. Protegido pela sua posição geographica isolada, baseado na maior força naval, fortificado por fontes inesgotaveis de dinheiro, todo poderoso pela posse de suas extensas colonias, o imperio britannico pode zombar abertamente de todas as reclamações pelo direito e pela justiça.

O chancelier do nosso imperio, cujo procedimento forte e claro, nestes tempos duros, merece destaque especial, disse, ao encerrar-se a memoravel sessão do Reichstag: «O dia 4 de agosto fioará sendo, para todo o sempre, uma das maiores datas da Alemanha» — com toda a razão; pois naquella hora gravissima dos nossos destinos deixaram de existir todas as divergencias dos partidos politicos, de classes, de confissões, unindo-se todos no voto unanime de sacrificar bens e sangue pela conservação da patria querida, traçoiramente assaltada.

Mas com o mesmo direito podemos dizer da Grã Bretanha, o mais perigoso dos nossos inimigos: «O dia 4 de agosto fioará sendo, para todo o sempre, uma das mais negras datas da Inglaterra» — pois nessa data publicou o governado inglar, e desde muito preparada, declaração de guerra contra a Alemanha, e já no dia immediato o parlamento inglar deixou-se levar pelos discursos hypocritas do seu intrigante ministro Sir Edward Grey, a conceder quasi unanimemente os meios para a guerra contra a Alemanha. Só um unico membro do parlamento teve a coragem de votar contra as preposições do governo. Está, porém, fora de duvida que muitos milhares de ingleses ajuizados, circumspectos e sinceros partilham desta opinião, desejando manter a neutralidade. Entre elles achavam-se tres dos melhores membros do ministrio inglar, especialmente o distincto «John Macbrley»; poucos dias depois deattiraram-se das suas funcções affirm de não participarem de culpa sangrenta desta guerra lousa.

No dia 4 de agosto de 1914 a sorte do mundo inteiro pairava sobre o fio de espada. Estava nas mãos da Inglaterra, do seu governo e do seu parlamento a decisão historica a favor da paz, do direito e do bem, ou a favor da guerra, do crime e do mal. No dia 4 de agosto, nessa grande data memoravel na historia universal, a Inglaterra decidiu-se a favor do ultimo, fazendo-se assim sangrentamente culpada do maior crime que a humanidade jamais viu e em suas horrendas consequências não se podem calcular em toda a sua extensão. A maldição de milhões de homens desgraçados recai sobre o Estado insular britannico, cujo egoismo nacional sem limites não conhece outro fim senão a extensão do dominio britannico sobre o orbe terrestre todo, a exploração em seu proveito de todas as outras nações, e o enchiamento da sua bolsa insaciavel com o ouro de todos os outros povos! Com isso, a orgulhosa nação inglesa ostenta hypocritamente a mas-

cara do christianismo! Ufana-se de seus innumerables missionarios e de suas devotas associações biblicas, destinadas a folioitar todos os povos com a luz do Evangelho, daquelle Evangelho do amor geral da humanidade cujo altruismo está diametralmente opposto aos principios egoistas da Inglaterra, dominadora e exploradora do mundo.

Não só para nós, os allemães, mas para o mundo civilizado inteiro e para o seu futuro, a decisão da Inglaterra tem uma importancia incalculavel. Quando a Russia, em principios de agosto, declarará a guerra á Alemanha e a Austria, só se tratava para nós de uma guerra europeá, muito seria com duas frentes, uma para leste e outra para oeste. Por mais renhida que se afigurasse essa luta, era-nos licito esperar com segurança pela victoria, confiados na nossa afiada espada já experimentada e na convicção da nossa boa causa e da nossa consciencia pura. O facto da declaração da guerra pela Inglaterra, em 4 de agosto, transformou de todo a nossa situação politica e estrategica. Temos agora de enfrentar uma luta dura, de vida e morte, em tres lados, contra dois poderosos exercitos terrestres, a leste e a oeste, e contra a maior potencia naval do mundo, que ameaça de exterminio a nossa armada, nas nossas costas, as nossas colonias fóra da Europa. Só assim — *Só pela culpa da Inglaterra* — a receida «guerra europeá» tornou-se uma «guerra mundial», geral, de uma extensão sem exemplo! Agora, todas as outras nações do globo terrestre, quer queiram, quer não, coparticiparão da desgraça, directa ou indirectamente.

Se quisermos attribuir a maior parte dessa exorbitante culpa sangrenta a uma só pessoa em posição dirigente e de responsabilidade, não se poderá tratar nem do fraco czar da Russia, Nicoláo II, nem do presidente ambicioso da Republica Franceza, mas, sim, só e exclusivamente, do intrigante ministro inglar, Sir Edward Grey, que, desde longos annos tem estado tramando a teia feroz destinada a cercar e a estrangular a Alemanha. Entendeu elle que chegara o momento opportuno para fechar o nó, utilizando-se do inimigo nato, de morte, da Inglaterra, da Russia slava, como cumplice no assassinato da Alemanha odiada. Porém, Sir Edward Grey não é senão o testamenteiro do fallecido rei Eduardo VII daquelle nefando principe de sangue allemão, cuja acção mais importante, durante todo o tempo do seu governo, consistiu no completo «bloqueio da Alemanha».

Durante longos annos, esse principe de Coburgo, empregára todos os meios para realizar a coalizão contra o imperio allemão, que odiava, embora fosse irmão da imperatriz allemã Frederica e sobrinho daquelle Duque Ernesto II, de Coburgo, que, ha 50 annos passados, tanto se esforçava pela fundação do imperio allemão, tendo sido festejado como «rei dos atiradores» e até como pretendente ao throno imperial, por occasião da primeira festa de gymnasticos allemães em 1869 (a qual assisti pessoalmente em Coburgo). E' verdade que a «moral christã» do talentoso Eduardo VII era toda especial segundo as nossas idéas: passava as horas mais agradaveis de sua vida nos restaurantes elegantes de Paris, ao lado de graciosas «coquetes» e nos jogos de azar da boa sociedade inglesa. O facto d'elle ter sido ali apanhado em flagrante de jogar do falso (no Bacará) de ter sido citado perante os tribunales por isso em nada prejudicava a sua grande popularidade na Inglaterra, porque externamente parecia um «gentleman irreprehensivel», que habilmente praticava todas as especies de «sport» e deitava innumerables discursos brilhantes, sempre que se offerreia a occasião, nos

quaes allegava energicamente o dominio mundial da nação britannica como instituição desejada por Deus.

O fim lisonjeiro do Imperalismo Universal britannico encontrava, ha dois annos, uma expressão drastica no parlamento inglez, quando os ministros dirigentes da activa Albion declararam, debaixo de ruidosos applausos, que a Grã Bretanha não só possuía presentemente a mais poderosa frota, superior ás de todas as outras potencias, navaes, mas que manteria tambem, para todos os tempos, o exclusivo dominio dos mares. Isso lembra logo a orgulhosa palavra do ultimo rei (cégo!) do Hannover, que tinha declarado, em 1866 por occasião do rompimento da guerra austro-russiana: «Minha casa e meu reino durarão até o fim de todas as coisas». (!) Poucas semanas depois foram varridos pela batalha de Laugen-salz!

A historia dos povos ensina com bastante clareza não ser de todo possivel a duração do dominio universal de um só povo. Quanto tempo durou o imperio grego de Alexandre Magno? Quanto tempo o «imperio mundial» dos cesares romanos? — ou o imperio hespanhol de Felipe II? — ou o imperio francez de Napoleão I? No vigésimo seculo, em que os interesses dos povos e as suas relações internacionais são mais numerosas e mais complexas do que nunca antes, em que os maiores Estados civilizados se empenham no estabelecimento de um equilibrio politico toleravel, o sonho de um imperio universal que tudo domina, parece mais absurdo do que nunca antes.

«Finis Germaniae!» Aniquilamento do Imperio allemão independente, destruição do caracter e da actividade allemã, sujeição do povo allemão sob o imperio britannico, eis o sonho orgulhoso do governo inglar, para cuja realização se alia aos slavos, seus inimigos, que mais gravemente ameaçam o seu proprio dominio mundial, tanto na Europa como na Asia. «Germanos contra germanos!» Um povo que produziu Bacon e Shakespeare, Newton e Darwin, contra um outro povo da mesma estirpe, que conta entre os seus Luthero e Copernico, Schiller e Goethe! Mas a solemnidade na qual o povo allemão todo está reunido, ha 15 dias, em torno do seu imperador, esquecendo todas as divergencias dos partidos politicos e das confissões religiosas, o espirito de sacrificio sem limites com o qual todas as camadas e todas as classes offerrecom a sua vida e os seus bens em defesa da casa, do lar, da communhão e da patria, garantem a nossa victoria com segurança; se elle, porém, apesar da boa causa que defendemos, não fioar do nosso lado, procuraremos libertar-nos da tyrannia insupportavel da Inglaterra com a mesma tenacidade, com que ha 100 annos os nossos paes scudiram o despotismo de Frauca: «Antes mortuos que escravos!»

«Finis Britanniae!» Aniquilamento da Grã Bretanha independente, destruição da sua nacionalidade, e do seu trabalho de civilização especies, não o queremos, mas sim a libertação completa do jugo insupportavel sob o qual o imperio britannico pretende curvar todos os demais povos. Nisso encontramos aliados fortes em todas aquellas nações que já supportam esse jugo e reconhecem o perigo que as ameaça. Assim como em 1789 os Estados Unidos da America do Norte se separaram da metropole tyrannica, a Inglaterra, assim, mais cedo ou mais tarde, o Canada e a Irlanda, as Indias e a Australia, o Egypto e a Africa Meridional, seguirão aquelle exemplo. Para que sacrificiarão todos esses paizes ricos, que cada vez mais divergem na evolução natural das suas qualidades individuais, as suas forças e os seus recursos a metropole ego-

sta, á Ing'laterra, que cada vez mais se afunila no egoísmo nacional de querer submeter á sua volta as todas as outras nações, por ser ella a dominadora mundial dos mares ?!

A Confederação Continental da Europa Occidental

No fim do seu memoravel discurso, tão rico em sophismas, jesuiticos e desfigurações de factos historicos, no qual sir Edward Grey procurava justificar, a 5 de agosto, perante o parlamento inglez, a sua declaração de guerra contra a Alemanha elle enunciou abertamente um dos motivos mais impuetráveis da sua infamia politica. Receia que nesta guerra a Alemanha e a Austria vençam e realisando-se depois uma reunião na Europa occidental contra o commun inimigo insular, a Inglaterra. Eis porque a Inglaterra, com o fim de impedir-o, precisa desde de já atacar por detraz os dois Estados pacificos obrigado á guerra pelo trifolho de salteadores, aniquilar com sua frota super-puderosa as nossas forças, navaes, muito mais fracas, estendendo depois o seu dominio tambem sobre o continente. A França porém—lembrando-se de fashoda e de outros desmandos anteriores da Inglaterra—compreenderá em breve que ainda desta vez está sendo enganada pela perfida Albion, isenta de qualquer escrupulo. Virar-se-á então para o lado da grande «Confederação» Paz dos Estados Continentaes Unidos da Europa Occidental, a qual, afinal, proporcionará a paz ao nosso continente tormentado, defendendo-o tanto contra os ataques brutales da Russia slava, no Oriente, como no Occidente, contra as intrigas incessantes da hypocrita Inglaterra. Pois não passa de mera hypocrisia a Grã-Bretanha gabar-se de ter desejado a paz, quando de facto só procurava ganhar tempo para melhor preparar-se para a guerra.

Com o coração a sangrar e obedecendo unicamente aos dictames do meu dever patriótico que eu, cidadão allemão octogenario, estou escrevendo essas graves acusações contra a Inglaterra, nossa parenta. Pertengo, ha mais de sessenta annos, ao numero de scientistas que nutriam o maior respeito pelo enorme trabalho de civilização da Grã Bretanha. Desde que em 1866, pela primeira vez, pissei em terra ingleza, conhecendo em Londres o extraordinario movimento da grande capital, desde que descobri, nos seus ricos museus e institutos scientificos, uma cornucopia espantosa da mais nobre materia cultural, a energia e a força productora do povo britannico têm me enchido de sincera admiração. Acorreceu o conhecimento pessoal, summamente inspirador, dos corypheus da sciencia, de celebridade mundial, os quaes viviam naquelle tempo em Londres a par do d'rs Charles Darwin e Charles Lyell, Thomas Huxley e Alfredo Wallace, Joseph Hooker e John Lubbock (lord Avebury).

As minhas relações scientificas e pessoais com a Grã Bretanha estreitaram-se ainda muito mais quando, dez annos depois (em agosto de 1876), fui assistir ao Congresso de Naturalistas Britannicos, em Glasgow, conhecendo ali as colleções expostas da expedição do Challenger, daquella circumnavegação da terra em quatro annos, que se desvendava pela primeira vez as maravilhas da vida nas profundidades do oceano. O conhecimento pessoal das seus illustres directores, Sir Wyville e Thomson e Sir John Murray, teve como consequencia ficar eu encarregado de uma grande parte da obra grandiosa editada por elles sobre a expedição Challenger (53 volumes á 4ª abrangeando 3,000 taboas). Em um trabalho de 12 annos escrevi 5 volumes de «Reports of H. M. S. Challenger» (quasi todos em inglez), dasanhando para isso alguns milhares de figu-

ras em 230 taboas. Durante as minhas repetidas e demoradas estadias em Edimburgo, gozava sempre da hospitalidade amavel de Sir John Murray, com o qual realizei ainda mais tarde varias viagens interessantes na Escocia e na Inglaterra.

Nos homens citados e em muitos outros de importancia conhecida as qualidades excellentes do caracter nacional britannico; todos elles conheciam e apreciavam tambem o caracter allemão e a sciencia allemã. Todos elles se ainda vissem, teriam condemnado, do modo o mais duro, o trisocetro assalto á Alemanha pela Inglaterra. Nas varias vezes conversámos sobre a necessidade das duas nações irmãs se ligarem estreitamente para juntas chegarem aos mais altos fins culturais; Eis que esse bello lago se rompeu agora trancemente! A «Inglaterra» cabe, em primeira linha, «a enorme culpa sangrenta» de ter preparado, do modo mais infame, durautearnos, essa guerra mundial sem exemplo, fazendo rompel a depois com o auxilio da Russia, o mais terrivel dos seus proprios inimigos! Esperemos que a Nemesis da Historia lhe dê a recompensa justamente merecida, e que a Phœnix do genio germanico renasça renascida das cinzas dessa colossal incendio mundial, mais forte e aperfeçoada.

(Do «Janer Volksblatt» de 14 agosto de 1914).

Varias Noticias

Embarcou ante-hontem para Amarante aonde vai a passeio, a distincta professora normalista Corina Sobreira.

Seguiu, ante-hontem, para Floriania a exm. sr. d. Lili Ribeiro, esposa do sr. coronel Deocleciano Ribeiro, illustra com mercante residente naquella cidade.

Regressou de Caracol aonde se achava em commissão do governo o sr. Raimundo Furtado, 2.º escripturario da secretaria do governo.

Sabemos que embarcou a 19 deste, na capital da Bahia, o sr. coronel Nabor Alves Maia Pinto, recentemente nomeado administrador dos correios do Piahy. Até o dia 6 s. a estará em Floriania e logo que ali chegar assumirá o exercicio de seu cargo.

Delegacia fiscal.—Na delegacia fiscal, proseguem hoje, ás 10 horas da manhã as tratativas do concurso de segunda entrada para empregos de fazenda, sendo chamados á prova oral de escripturação mercantil em partidas dobradas e applicada á contabilidade publica os escripturarios Francisco Bessa, Humberto de Oliveira, Bellino de Castro Dantas, Antonio Fernandes de Vasconcellos e João do Rego Monteiro Sobrinho, conforme se vê do edital que vas publicado, na secção competente.

Por portaria de hontem, o sr. delegado fiscal concedeu ao 1.º escripturario da alfandega da Parnahyba, José Saraiva Ribeiro, um mez de licença com ordenado para tratar de sua suita, conforme solicitou o sr. inspector da mesma alfandega, a n telegramma tambem de hontem.

Notas policiaes.—Foi designado para patrulhar a cidade, hoje, o subdelegado do 1.º districto, sr. João da Silva Veloso.

Prisões correccionaes.—Foram recolhidos hontem a detenção, por disturbio, á ordem do dr. secretario de policia, o individuo de nome Gungalo Francisco da Silva, e tambem por disturbios, á ordem do subdelegado do 2.º districto, Joaquim Antonio de Moraes (Quino), o individuo de nome Raimundo Francisco da Silva.

Voltou de seu passeio a Amarante o sr. Ademir Carvalho, estudante do lyceu piauhyense.

Correios.—O sr. administrador recebeu, hontem, o seguinte telegramma:

Rio, 21.—Tendo obtido dispensa do cargo de director geral, em commissão, despeço-me, agradecendo o auxilio prestado á minha direcção. Peço tornar extensivos ao pessoal os meus agradecimentos.—Saudações cordaes.—Ervesto Lirio de Siqueira.

Para elucidação de um ponto controvertido entre duas autoridades federnes, neste estado, relativamente ao processo do ex-thezoureiro dos correios, pedem-nos a publicação da resolução abaixo, do sr. ministro da fazenda:

«Sr. delegado fiscal no Piahy: N. 62.—De accordo com o despacho do sr. ministro de 30 do mez findo, profiro-lhe sobre o objecto do officio n. 50 de 31 de julho ultimo, em que fazes considerações quanto á denuncia offerecida pelo procurador da Republica contra o thesoureiro da administração dos correios desse estado, Arthur de Souza Rubião, á vista dos documentos enviados directamente pelo administrador da referida repartição, denuncia que julga e pre-matura por não ter sido effectuada a prisão administrativa de responsavel, oclero-vos, para os devidos fins, que não procedem as vossas considerações, porquanto, terminado o inquerito administrativo e verificado o saneamento, promove-se a prisão administrativa do responsavel remetendo-se não só o preesso ao Tribunal de Contas em original para o julgamento da tomada de contas como tambem uma copia delle ao procurador seccional, para o processo judicial, que se inicia com a denuncia.

Ainda nos termos do mesmo despacho, e em solução á consulta constante do final do vosso alludido officio, declaro-vos que em casos futuros, deveis requisitar á policia local a prisão administrativa de qualquer responsavel, por isso que os delegados fiscaes são competentes para decretar directamente a questionada prisão em face do disposto no art. 14 da lei n. 221 de 20 de novembro de 1894. (Do «Diario Officiai» de 20 de outubro findo).

Chegou hontem, da Parnahyba o vapor «Barão de Urussuby».

Corpo Militar de Policia.—Servico para o dia (24 3.º feira). Estado-maior, o sr. 1.º tenente João Victorino.

D'a ao corpo, 1.º sargento Joaquim Manoel.

Guarda do palacio 2.º sargento Antonio Gonçalves, esbo José Monteiro e agronta Martiniano José Pereira.

Guarda da cadeia, 3.º sargento Gungalo Castro, cabo Luiz Moreira e corneta Camillo Baptista.

Patrulha esbo José Ruy-mundo de Lima e Eduardo Moura.

Guarda do quartel cabo João Gabriel.

Piquete, o corneteiro Thomaz Candido.

Uniforme 3.º

Necrologia

Hugo Bastos.—Falleceu antes de hontem nesta capital, repentinamente, o distincto moço Hugo de Mello Bastos, filho do sr. capitão Francisco de Mello Bastos.

En plena mocidade, pois apenas alcançou 23 annos de idade, Hugo Bastos duplieva de esforços, não mais sacrificios, máo grado o seu estado de precaria saúde, afim de conquistar o diploma de telegraphista nacional. Praticante já ha alguns mezes, Hugo, esperava confiante a approvação dos seus ultimos exames, quando a morte, traiçoeiramente, sequestrou de vidas preciosa, rou-

ba a existencia deste moço modesto e bom, á convivencia e ao aconcho de sua familia e amigos. Foi sepultado hontem pela manhã, tendo sido acompanhado até o cemiterio publico pelos seus collegas de repartição e numerosos amigos. Mandamos sentidos pezames ao seu velho progenitor, sua digna mãe e irmãos.

EDITAES

DELEGACIA FISCAL DO THEZOURO NACIONAL NO PIAUHY

CONCURSO DE SEGUNDA ENTRANCIA DE FAZENDA

N. 8

De ordem do sr. delegado fiscal, presidente do concurso de segunda entrada para empregos de fazenda, que se está realisando em virtude da portaria do sr. ministro, n. 6 de 4 de julho de 1913, faço publico, para conhecimento dos interessados, que amanhã, ás 10 horas do dia, em uma das salas d'esta delegacia, continuarão o mesmo concurso, sendo chamados á prova oral de escripturação mercantil por partidas dobradas e applicada á contabilidade publica os seguintes candidatos:—segundos escripturarios d'esta delegacia Francisco Bessa, Humberto de Oliveira e Bellino de Castro Dantas e segundos ditos da Alfandega de Parnahyba, Antonio Fernandes de Vasconcellos e João do Rego Monteiro Sobrinho.

Secretaria do concurso de segunda entrada, na delegacia fiscal do thezouro nacional no Piahy, em 23 de novembro de 1914.

Benedicto José Fernandes do Castro. 1.º escripturario, secretario do concurso.

Escola Normal

De ordem do sr. director desta escola e para conhecimento dos interessados declaro que desta data a 60 dias, de accordo com o art. 233 do R. G. da Instrução Publica, acha-se aberta nesta secretaria a inscricção para os candidatos ao concurso para provimento da cadeira de Arithmetica e Algebra.

Secretaria da Escola Normal Therezina, 20 de Outubro de 1914.

O secretario, Raimundo Neves de Souza.

O dr. Felton Ferreira Castello Branco, juiz da direito desta comarca de Therezina capital do estado do Piahy, etc.

Faço saber que tendo sido designado, por este juizo, o dia 11 de dezembro vindouro, pelas onze horas, para ter logar os trabalhos da segunda sessão ordinaria do jury, no corrente anno, que funcionará no edificio do Forum e na sala das sessões do respectivo tribunal, e, que havendo procedido ao sorteio dos vinte e oito jurados que têm de servir na mesma sessão, na conformidade das leis estadoues numeroes 528 de 6 de julho de 1909 e 652 de 25 de julho de 1911—foram extrahidas da urna geral, pelo menor Benedicto cada uma por sua vez, as competentes cédulas saluando sorteados os 28 jurados seguintes:

- 1 Francellino Antonio de Moraes.
2 Martinho da Costa Teixeira
3 Antonio Francisco de Almeida
4 Lucio Mendes da Silva
5 Paulino Pinto de Freitas
6 José Antonio Saraiva
7 Coriolano de Castro Lima
8 José Martins de Carvalho
9 Francellino Fernandes Campos
10 Joaquim Virgilio dos Santos
11 Claro de Souza Hollanda
12 José Rodrigues de Souza
13 Rodrigo da Cunha C. Branco
14 Raimundo Ribeiro da Silva
15 Antonio P. de Hollanda

- 16 Campos Manoel L. Correia Lima
17 Felipe Santiago Rosa
18 José Leonillo Guedes
19 Manoel Fernandes de Oliveira
20 veira
21 José de Castro e Silva
22 Miguel José do Prado
23 Juvenio Alves de Carvalho
24 Leucipio Dantas Avellino
24 João de Deus Fonseca
25 Oscar Castello Branco
26 Lourenço da Costa Nunes
27 José Cabral Arnaud
28 Raimundo Antonio de Sant'Anna.

Aos quaes, bem como aos interessados em geral, se convida para comparecerem no logar, dia e hora acima mencionados e, consecutivamente, enquanto durarem os trabalhos de mesma sessão do jury—sob as penas da lei—os que faltarem. E para que ninguém allegue ignorancia, mandei passar o presente edital, para os fins devidos.

Dado e passado em Therezina, aos 11 dias do mez de novembro de 1914. Eu, João Al-mendra Rego Monteiro, escriptivo do jury o escrevi. Felton Ferreira Castello Branco.

O coronel Manoel Raimundo da Paz, director interino da directoria de agricultura, terras, viação e obras publicas &c.

Faz saber aos que o presente edital virem que pelo cidadão Pedro Alves Feitosa, lhe foi requerido o arrendamento, por quatro annos, do terreno devoluto, situado no municipio de Valença, no lugar denominado Missão dos Arozoes, da estrada que vem da cidade de Valença até estremar com o cercado de propriedade de João Pinheiro Rosado, medindo aproximadamente duzentos e oitenta metros de comprimento e oitenta de largura, ao preço de dez mil reis annual obrigando-se o contractante alem da cultura do dito terreno a pagar metade das despesas que se fizer com a sua demarcação, quando for ordenada por esta directoria, e as demais disposições do regulamento em vigor.

Convido, pois, todos os interessados a virem apresentar dentro do prazo de trinta dias a contar da publicação do presente edital, as reclamações ou contestações que tiverem a oppor.

E para que não se allegue ignorancia, será este publicado no jornal officia e affixado á porta do edificio em que funciona a repartição da collectoria e registro de terras do referido municipio de Valença. Directoria de Agriculturas, Terras, Viação e Obras Publicas em Therezina, 10 de novembro de 1914.

Manoel Raimundo da Paz.

Edison Cunha, chefe da 2.ª secção da secretaria do governo etc.

Faço saber a todos a quem o presente edital interessar, que, de ordem do exm. sr. coronel vice-governador do Estado, em exercicio pleno, o consul de carreira da Republica de Portugal, com sede na capital do Estado do Maranhão, tem tambem jurisdição neste Estado, conforme communicação da embaixada d'aquelle paiz ao ministerio das relações exteriores, trazida ao conhecimento do governo do Estado pelo seu ministro, em aviso de 30 de setembro passado.

Therezina, 18 de novembro de 1914.

Edison Cunha.

De ordem do sr. director desta escola, faço publico para conhecimento dos interessados, que durante trinta dias a contar desta data, acham-se abertas nesta secretaria as inscricções para os exames da primeira epoca.

Secretaria da Escola Normal, Therezina, 14 de novembro de 1914.

O secretario, Raimundo Neves de Souza.

